

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA

IGOR MENDES LEITE

FUTEBOL E ESPAÇO GEOGRÁFICO: Uma análise socioeconômica da primeira divisão do Campeonato Maranhense no período de 2000 a 2021.

São Luís
2022

IGOR MENDES LEITE

FUTEBOL E ESPAÇO GEOGRÁFICO: Uma análise socioeconômica da primeira divisão do Campeonato Maranhense no período de 2000 a 2021.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História e Geografia como requisito para conclusão do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.

Orientador: Prof. Dr. José Sampaio de Mattos Junior

São Luís
2022

IGOR MENDES LEITE

FUTEBOL E ESPAÇO GEOGRÁFICO: Uma análise socioeconômica da primeira divisão do Campeonato Maranhense no período de 2000 a 2021

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História e Geografia como requisito para conclusão do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.

Aprovado em: 13 /01/2023

BANCA EXAMINADORA



José Sampaio de Mattos Junior (Orientador)
Doutor em Geografia
Universidade Estadual do Maranhão



Prof. Dra. Rosalva de Jesus dos Reis



Prof. Dr. José Arilson Xavier de Souza

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, claro, pela vida e por me conceder essa oportunidade, também pelo ingresso no curso de Geografia, algo que sempre gostei e estive no meu coração, mesmo sem saber definir, e por me dar forças para continuar nessa trajetória.

À minha família, por sempre terem lutado para dar o melhor na minha vida, principalmente quando falo de educação, não tem como mensurar os esforços que fizeram por mim, meu muito obrigado.

Minha mãe que sempre lutou e batalhou para que eu tivesse a melhor educação que estava a nosso alcance, sem medir esforços para que tudo isso acontecesse e que mesmo em vários momentos que pensei em desistir do curso por situações adversas que a vida nos apresenta, sempre me motivou a continuar e finalizar essa caminhada.

Ao meu pai, que esteve junto durante toda a minha infância e adolescência, e agora que vive em outro lugar, porém, não deixa de ser um incentivo diário para que eu possa concluir essa jornada.

Ao meu irmão que ao decorrer da vida foi mostrando sua importância na minha vida, amizade, companheirismo e parceira talvez sejam no que posso definir a nossa relação de irmandade, mesmo com todas as diferenças, seguimos juntos e vamos em frente, sempre ajudando no que puder.

Por último, mas não menos importante, ao meu tio Evaristo, este que em um momento de dificuldade, efetuou o pagamento da taxa de inscrição para que eu pudesse prestar o vestibular e assim conseguir ingressar na UEMA.

Aqueles familiares que mesmo que indiretamente me ajudaram e formaram no que posso julgar a ser como o melhor de mim mesmo. Ajudando em momentos não tão fáceis e prestando motivando, talvez até de forma dúbia, mas motivando da sua forma.

Aos amigos que carrego desde o Ensino Fundamental, Paulo, Larissa, Jemima, André, Ana Ruth, a relevância de todos vocês é sem igual, a vivência que temos, mesmo distantes em vários momentos, faz a cada dia sermos maiores e melhores, encontros esporádicos semestralmente fazem parte do ano valer a pena.

As minhas amigadas construídas na turma do Bacharelado 2018.2, os de verdade eu sei quem são, já diria o sábio, Geovana, Juliana, Vanessa, a amizade de vocês valeu muito em vários momentos que talvez não consiga enumerar aqui, não

sou o melhor amigo que alguém pudesse pretender, ausente, distante, mas sempre pronto para ajudar, obrigado pela força em vários momentos. Mesmo que Vanessa tenha saído no início do curso, ainda gostamos dela.

Ao amigo, ex-professor de Geografia do ensino médio, e primeiro incentivador para que eu pudesse entrar no curso de Geografia, especificamente na UEMA, que fique claro, as suas orientações e conselhos sempre foram de muita relevância no curso.

A minha querida Joice, que mesmo em pouco tempo, provavelmente foi motor principal para que eu pudesse terminar esse TCC no prazo devido, entendendo os momentos de ausência, dias que estava muito preocupado, ela era a responsável por acalmar meus ânimos e dizer que estava tudo bem, entregando algumas vitaminas e fazendo eu relaxar em vários momentos.

Aos conhecidos e amigos da igreja que ultrapassam as paredes desse espaço, me apresentaram vários caminhos que não poderia imaginar que chegaria, pessoas que levo para a vida, o aprendizado é gigante a cada momento, me fazendo ser uma pessoa melhor, nominalmente, Adriana, Edinalva, Talisson, Paulo, entre outros mais.

A minha chefe e amiga Scarleth, também por me entender e flexibilizar alguns horários para que eu pudesse finalizar esse trabalho, em dias cansados com poucas horas de sono acumuladas, se fazia humana e companheira.

Ao grupo GEDITE, por me proporcionar essa vivência e abrir os horizontes para um novo caminho no meio da Geografia, em especial a duas pessoas, o Professor Sampaio, por me incentivar desde os primeiros contatos a trazer o tema futebol a tona, à luz da geografia e ao Igor Breno, que em vários momentos me mostrou o caminho que deveria seguir e também impulsionar no trajeto final.

A UEMA por todo apoio durante todo esse longo período de 4 anos e meio.

Aos companheiros de estágio/serviço da SEMA, que em algum momento me ajudaram com conselhos, guiando naquilo que poderia ser o melhor pra mim.

Enfim, a todos aqueles que agregaram na minha vida e contribuíram para a formação de tudo aquilo que está pronto ou em transformação. Meu muito obrigado!

*“Que coisa linda é uma partida
de futebol”*

- *Skank*

RESUMO

Com o passar dos anos, a Geografia apresentou novas abordagens metodológicas, dentre elas, a Geografia dos Esportes ganhou aos poucos seu espaço nas discussões, abordando os mais variados esportes, do qual, fora recortado o mais popular deles, o futebol, esporte esse que recebe as mais diversas influências externas, dentre elas, ações políticas, demonstração de força do mercado capitalista. Partilhando dessa visão, conseguimos acompanhar a formação e evolução de campeonatos e clubes como um objeto mutável quanto ao seu espaço. E a cada momento que a história foi avançando, se percebeu como relevante o futebol na construção histórica e cultura da sociedade brasileira, desta forma, as ciências humanas e sociais começaram a estudar esse desporto, assim, a Geografia não poderia ficar para trás, esse diálogo foi trago para o Brasil por Gilmar Mascarenhas, questionando a importância do futebol para a construção do espaço brasileiro. Diante exposto, a realização dessa pesquisa fora feita a partir de referenciais bibliográficos, com autores que realizam discussões sobre Espaço, analisando as relações socioespaciais e econômicas presentes no espaço maranhense, desse modo se faz necessário a análise dos diferentes motivos que compuseram o Campeonato Maranhense da Série A entre os anos de 2000 e 2021. Após a análise dos dados, podemos observar a construção do cenário histórico brasileiro e como as competições nacionais e estaduais foram modificadas conforme o período em que estavam instaladas, notamos que o Campeonato Maranhense de Futebol da Série A no período analisado, é composto por equipes de municípios que estão ligadas a fatores políticos e econômicos favoráveis para a instalação dos mesmos.

Palavras-chave: Espaço. Futebol. Campeonato Maranhense.

ABSTRACT

Over the years, Geography presented new methodological approaches, among them, the Geography of Sports gradually gained its space in the discussions, approaching the most varied sports, from which, the most popular of them, football, was selected, a sport that receives the most diverse external influences, among them, political actions, demonstration of the strength of the capitalist market. Sharing this vision, we were able to follow the formation and evolution of championships and clubs as a changeable object in terms of its space. And at every moment that history was advancing, football was perceived as relevant in the historical construction and culture of Brazilian society, in this way, the human and social sciences began to study this sport, thus, Geography could not be left behind, this dialogue was brought to Brazil by Gilmar Mascarenhas, questioning the importance of football for the construction of the Brazilian space. Given the above, this research was carried out based on bibliographical references, with authors who carry out discussions about Space, analyzing the socio-spatial and economic relations present in the Maranhão space, thus making it necessary to analyze the different reasons that made up the Maranhão Championship Série A between the years 2000 and 2021. After analyzing the data, we can observe the construction of the Brazilian historical scenario and how national and state competitions were modified according to the period in which they were installed, we note that the Campeonato Maranhense de Futebol da Série In the analyzed period, it is composed of teams of municipalities that are linked to political and economic factors favorable to their installation.

Keywords: Football, Space, Campeonato Maranhense.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Clubes de Futebol Participantes da Taça Brasil de 1959	22
Mapa 2 – Clubes de Futebol Participantes do Troféu Roberto Gomes Pedrosa de 1967	24
Mapa 3 – Clubes de Futebol Participantes do Campeonato Nacional de Clubes de 1971	26
Mapa 4 – Clubes Participantes da Primeira Divisão do Campeonato Maranhense entre 2000 e 2004	36
Mapa 5 – Clubes Participantes da Primeira Divisão do Campeonato Maranhense entre 2005 e 2009	38
Mapa 6 – Clubes Participantes da Primeira Divisão do Campeonato Maranhense entre 2010 e 2014	40
Mapa 7 – Clubes Participantes da Primeira Divisão do Campeonato Maranhense entre 2015 e 2019	42
Mapa 8 – Clubes Participantes da Primeira Divisão do Campeonato Maranhense em 2020 e 2021	44

LISTA DE SIGLAS

CBD – Confederação Brasileira de Desportos

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

FAC – Fabril Athletic Club

FIFA – Fédération Internationale de Football Association

MAC – Maranhão Atlético Clube

TRGP – Troféu Roberto Gomes Pedrosa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – GEOGRAFIA, SOCIEDADE E FUTEBOL	15
1.1 O Espaço Urbano e a Geografia dos Esportes	15
1.2 O Futebol no Brasil e as conjunturas socioeconômicas construídas	19
CAPÍTULO 2 – O FUTEBOL MARANHENSE E SUAS RELAÇÕES SOCIOECONOMICAS	30
2.1 Uma análise histórica sobre a entrada do Futebol no Maranhão e sua construção	30
2.2 As implicações socioeconômicas no Campeonato Maranhense no período entre 2000 e 2021	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, a Geografia dos Esportes se destaca nas discussões em decorrência das análises de intelectuais contemporâneos. Uma vez que, segundo Mascarenhas (1999), a Geografia acaba apresentando novas abordagens teórico-metodológicas com novos recortes, expondo temas diversos e mostrando dessa forma, uma diversificação.

A Geografia se permite permear em discussões que dentro do espaço geográfico é possível realizar uma combinação maior de temas para serem analisados, construindo assim, uma interdisciplinaridade que pode ser observada na correlação Esportes e Geografia, ao buscar compreender as relações de cunho socioespaciais.

A Geografia dos Esportes ganha aos poucos, espaço nas discussões atuais, em virtude dos novos momentos de perspectivas de análises. Mascarenhas (1999) aborda que a Geografia, nas últimas décadas, apresenta novas orientações teórico-metodológicas, novos recortes temáticos, gerando um quadro de crescente diversificação. Ainda cabe ponderar que, a própria Geografia dos Esportes engloba diversas geografias esportivas, tendo em vista, as diferentes abordagens geográficas de análises para com outros esportes, por exemplo: críquete, beisebol, basquetebol, handebol; presentes na literatura internacional.

Esta pesquisa, por sua vez, busca na Geografia dos Esportes o futebol enquanto objeto de estudo, pois neste esporte, avança-se nas discussões de especulações sobre um jogo emoldurado pelo capitalismo e que permite concatenar à sociedade, em um âmbito mútuo de relações complexas (DAMATTA, 1982). Ademais, segundo Mascarenhas (1999), o futebol nas últimas décadas tornou-se uma poderosa indústria do entretenimento, com mobilizações de grande volume de capitais privados e estatais, gerando intensos fluxos na escala planetária.

Ao atrair a grande atenção de capitais sejam eles privados ou estatais, notamos a construção do futebol como força de alinhamento político, utilizando seleções e clubes para serem a identidade de governos, principalmente ditatoriais, tendo exemplo em solo brasileiro a ditadura militar, movendo suas forças em interferências na Seleção Brasileira de Futebol

Historicamente, o futebol no Brasil é datado no ano de 1894, tendo o inglês Charles Miller como seu pioneiro. Desde então, as transformações socioespaciais no âmbito social, econômico, cultural e político impulsionaram o entrelaçamento entre

estes fatores e o futebol. Com isto, reflete-se que o futebol como qualquer esporte, vai além apenas do campo e bola, pois a sociedade também é afetada.

Assim, o futebol tornou-se um forte elemento na construção social não somente no Brasil, mas como em todo o mundo, por fazer parte da constituição da sociedade brasileira, conseguimos observar as alterações do espaço que os esportes, mais especificamente o futebol, podem trazer. Sendo utilizado como instrumento para legitimar alguma arma política, unindo o povo da elite.

E nessa perspectiva nacional, os campeonatos estaduais foram construídos para como forma de forças locais, através de clubes para representação política, econômica e social. E ainda que os campeonatos estaduais tenham sido as primeiras formas de disputa no Brasil, ao longo do tempo, as suas modificações passaram a estar atreladas às conjunturas dos campeonatos nacionais.

A partir disso, o campeonato maranhense em sua história e formação de disputas acompanhou a lógica nacional e possibilitou clubes locais alcançarem o cenário de disputas nacionais, mediante às conjunturas econômicas, políticas, sociais e culturais do estado.

Diante disso, estabelecemos como objeto de estudo e recorte espacial, o Campeonato Estadual Maranhense da primeira divisão, tendo como recorte temporal de 2000 a 2021. Haja vista que, a partir dos anos 2000, as dinâmicas socioeconômicas do estado corroboram para o surgimento de novos times, aumento na participação de times e fórmulas de disputa consistentes entre os participantes.

Assim, no período de 2000 a 2021, 31 equipes participaram do Campeonato Maranhense da Primeira Divisão, sendo que nas 22 edições do Torneio, 19 campeões foram da Capital do Estado, intercalando a entrega dos troféus entre Maranhão Atlético Clube, Moto Clube de São Luís e Sampaio Corrêa Futebol Clube. Os títulos das demais edições, ficaram em Imperatriz, segunda principal cidade do estado com a Sociedade Imperatriz de Desportos.

Os números entre os vice-campeões, por sua vez, demonstram não haver diferença nos intervalos, pois apenas seis vice-campeões não foram de São Luís, porém, outros times, como: a Sociedade Esportiva Santa Inês, o Santa Quitéria Futebol Clube e o Cordino Esporte Clube, de Barra do Corda, figuram entre os vice-campeões deste período. Ao se analisar os devidos dados e a espacialização do futebol maranhense, nota-se que existe uma concentração de times na região norte do estado, principalmente no município de São Luís.

A questão a ser respondida pela pesquisa ora proposta é a seguinte: quais os fatores socioeconômicos que contribuíram para a configuração do Campeonato Maranhense da primeira divisão ocorridos de 2000 a 2021? Para tanto foi formulada a seguinte hipótese: os investimentos de capitais privados e estatais, alinhado às expansões urbanas e de infraestrutura dos municípios e as transformações socioespaciais têm provocado mudanças na dinâmica do campeonato maranhense.

O objetivo geral desta pesquisa trata de analisar os fatores socioeconômicos que contribuem para a configuração do Campeonato Maranhense da primeira divisão ocorridos de 2000 a 2021. E para alcançar o objetivo geral, estabeleceu-se os seguintes objetivos específicos: identificar os fatores socioeconômicos que contribuem para a configuração do Campeonato Maranhense da primeira divisão ocorridos de 2000 a 2021; relacionar os fatores socioeconômicos e a configuração do Campeonato Maranhense e mapear os clubes participantes no Campeonato Maranhense de 2000 a 2021

Para o desenvolvimento da pesquisa e consecução dos objetivos propostos, ressaltamos a importância de se utilizar o Materialismo Histórico e Dialético como fundamento teórico-metodológico. Haja vista que este método, nos fornece instrumentos necessários para a compreensão dos possíveis paradoxos e contradições oriundos do sistema capitalista. Os procedimentos metodológicos da pesquisa estão estruturados em quatro partes. A primeira está condicionada ao levantamento bibliográfico e cartográfico pertinentes à proposta da pesquisa; e segundo, a linha teórica da bibliografia fundamental. Com isto, estabelecemos consultas em referenciais bibliográficos que promovessem discussões sobre a Geografia do Esporte, Futebol, Campeonato Maranhense e o Espaço, enquanto categoria geográfica norteadora, para isto destacamos os trabalhos de DaMatta (1982), Frank (2014), Gaffney (2014), Campos (2008), Mascarenhas (1999; 2014), Jesus (2021), Trindade (2011), Vaz (2006) e Santos (1985; 1998; 2021).

Para a segunda parte, utilizamos a base de dados do Grupo de Estudos em Dinâmicas Territoriais (GEDITE) para as edições do Campeonato Maranhense da Série A de Futebol, de 2000 a 2021. Cabe destacar que, a base de dados do *Rec. Sport. Soccer Statistics Foundation* (RSSSF-Brasil) também foi utilizada. Após essa etapa, realizou-se a integração dos dados com a base socioeconômica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (IMESC).

Na terceira parte, destacamos as formas de representação, distribuição e análises do Campeonato Maranhense aos métodos estatísticos e geoestatísticos, a partir dos softwares Excel para construção do banco de dados da pesquisa; utilizaremos também o *software* QGIS 3.16 para a construção dos mapas. Por fim, todas essas informações coletadas e apresentadas servirão de análises para a redação do trabalho final.

No capítulo 1, será abordado a relação entre Geografia e Futebol utilizando o espaço para a abordagem dessas análises, deste modo, também haverá uma contextualização da conjuntura socioeconômica brasileira e a sua influência nos campeonatos nacionais e regionais, determinando os fatores preponderantes para a construção dos campeonatos atuais. Partindo dessa análise, o capítulo 2 aborda a conjuntura que o futebol maranhense se encontra, apresentando dados históricos e analisando os dados do Campeonato Maranhense de Futebol da Série A entre os anos de 2000 e 2021.

CAPÍTULO 1 – GEOGRAFIA, SOCIEDADE E FUTEBOL

Geografia e esportes sempre andaram lado a lado mesmo que, por vezes, de forma oculta, porém, nas últimas décadas, conseguimos observar uma mudança no diálogo para com outras Geografias, como resultado, teóricos surgiram para colocar essa discussão em jogo, apresentando esses dois elementos como correlatos.

E o futebol, por sua vez, como o esporte mais popular do mundo, não fica de fora dessa apresentação. Pois, tem tomado conta de trabalhos e observações, o quanto o futebol é moldado e como também molda, a sociedade no qual está inserido, desta forma, apresentamos discussões sobre espaço e futebol, de mesmo modo, como o futebol no Brasil foi e é construídos pelas relações socioeconômicas.

1.1 O Espaço Urbano e a Geografia dos Esportes

O futebol nos variados períodos da história tem assumido uma posição de destaque, não somente pela popularidade do esporte ou pela emoção do gol, mas também por expandir sua influência e apresentando-se como um instrumento de mobilização e organização do. Desta forma, entendemos o futebol, enquanto fenômeno social e econômico e também irradiado pelas mudanças no Espaço geográfico.

É bem verdade que, grande parte dos estudos que envolvem o futebol estão ligados às áreas das Ciências da Saúde, devido estar ligado ao modo de vida, lazer e/ou profissão. Por outro lado, as Ciências Humanas e Sociais em tempos recentes esforçam-se como novos olhares para o esporte, bem como as formas de análises aos espetáculos e o entorno socioeconômico que o permeia.

Mas, o futebol para a Geografia ou até mesmo se falarmos em Geografia dos Esportes, ainda recai em um quantitativo pequeno de referências bibliográficas, pois segundo Almeida (2021), as principais contribuições geográficas no Brasil de análise do futebol são do Gilmar Mascarenhas. Cabendo ressaltar que as análises do Gilmar Mascarenhas em suas várias obras decorrem de estudos internacionais, principalmente do clássico *Sports Geography* de John Bale, lançado em 2002.

Sobre o futebol, destacamos que se inicia no século XIX na Inglaterra, envolto de um grande plano de fundo, trabalhadores e aristocratas participam dessa construção, criando rivalidades e desenhando o que viria a ser um dos principais esportes praticados no mundo.

Assim, segundo a Federação Internacional de Futebol (FIFA), existem cerca de 265 milhões de praticantes credenciados na Federação, espalhados pelo Globo Terrestre (2007), importante reflexionar que esse número não leva em consideração aqueles que são amadores e que moram em áreas remotas.

Deste modo, o estudo geográfico do Futebol busca discussões sobre a importância social deste esporte, deixando a visão dele de ser apenas um fenômeno esportivo, para notarmos que ele está presente nas categorias de análise do Espaço da função, forma, processo e estrutura, propostas por Santos (1985). Assim, as novas metodologias utilizadas pela Geografia, realizam discussões entre as relações sociais e espaciais, englobando não somente a Geografia dos Esportes, mas também as demais áreas que se correlacionarem com esses temas.

Dessa maneira, Santos (2021) na obra *Metamorfose do Espaço Habitado* conceitua o espaço como o resultado da soma e da síntese, sempre refeita, da paisagem com a sociedade por meio da espacialidade. Considerando assim, que, o espaço é dinâmico e sendo modificado conforme aqueles que ali estão, observamos a importância de seu estudo para a análise da geografia, principalmente, para o estudo da geografia dos esportes onde notamos a dinamicidade e necessidade da participação desta soma, a paisagem e a sociedade.

Ainda segundo Santos (1985), o uso direto do espaço, como suporte do processo produtivo e como meio de trabalho tecnicamente elaborado, leva a um nível mais alto que jamais a sua capacidade de transferir valor ao conjunto de instrumentos e meios de trabalho que nele têm base. Assim, o futebol utiliza-se dos espaços de prática, propriamente dita, do esporte nos estádios e arenas e dos espaços ideológicos, a partir de simbologias e mensagens, uma vez que, esta configuração é parte elementar da forma, função, estrutura e processo do espaço habitado com transformações qualitativas e quantitativas pelo dinamismo do fenômeno humano (GAFFNEY, 2014; SANTOS, 2021).

Assim, Santos (1988) define que os elementos do espaço são, o ser humano, o meio ecológico e as infraestruturas, ou seja, conseguimos encontrar um padrão conceitual na definição de espaço que se correlaciona com o objeto de estudo da Geografia do Futebol, pois ao estudar o ser humano e as infraestruturas nos colocamos ao lado daquilo que é praticado neste esporte. O futebol transforma o espaço geográfico a cada momento, moldando a sociedade e as instituições estabelecidas.

Considerando isso, segundo ILIEȘ *et al.* (2014), o papel do espaço e do tempo na análise geográfica dos esportes é determinada pelas especificidades da ciência geográfica, ao ponto que vemos a dinâmica da geografia e suas transformações ativas em cada campo.

Ao se estudar o espaço, notamos que o mesmo, é dinâmico, e essa dinamicidade nos leva a estudar o do porque essas relações acontecem, compreendemos as alterações da sociedade que, inevitavelmente, são carregadas pelo processo de urbanização, a alteração que o capital irá proporcionar para aqueles que são diretamente afetados pelos processos decorridos pelo mercado de produção.

Isto posto, Corrêa (2002) aborda o espaço urbano como resultado das ações propostas por aqueles que consomem o espaço. Assim:

O espaço urbano capitalista - fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas – é um produto social, resultado de ações acumuladas no tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço. São agentes sociais concretos, e não um mercado invisível ou processos aleatórios atuando sobre um espaço abstrato (CORRÊA, 2002, p.11).

A partir deste ponto, compreendemos que o espaço urbano capitalista é a mistura do capital, não obstante com os agentes sociais que se fazem como atores principais nesta formação, resultando assim, em um espaço que é primariamente social, por ser transformados por esses agentes, mas que, também sofre as alterações pelo acúmulo de capital, ou seja, afetando os que estão inseridos nesse meio.

Assim, Santos (2001), pontua que a circulação do capital coincide com a transformação do produto na mesma velocidade que essa correlação acontece, sendo essa relação diretamente afetada pelo poder mercado. Com isso:

O uso seletivo do espaço se daria sobretudo através desse processo, uma vez que, nas condições atuais de circulação rápida do capital, isto é, pela necessidade de rápida transformação do produto em mercadoria ou capital-dinheiro, isto é, nas condições atuais de reprodução, a capacidade maior ou menor de fazer circular rapidamente o produto é condição, para cada firma, de sua capacidade maior ou menor de realização, ou, em outras palavras, do seu poder de mercado, o que também quer dizer poder político (SANTOS, 2001. p. 83).

Deste modo, ao compreender como o espaço é dinâmico e diretamente alterado pelo processo capitalista, além de ser um espaço social, percebemos a introdução do futebol nas alterações do espaço, a sociedade que busca se adequar a novos parâmetros e que após essa adequação, procura evoluir para ter um padrão mais elevado comparado às demais sociedades.

Ao compreendermos a prática do esporte e sua importância para a sociedade, começamos a considerar que, principalmente o futebol, é um fator preponderante na construção de um povo, tal fato esse, que levou Campos (2006) a abordar o seguinte conceito:

O futebol apresenta uma prática social própria, porém altamente articulada com a prática social cotidiana. Tal articulação se dá de maneira mais íntima em sociedades nas quais o futebol ocupa um espaço importante como elemento sócio cultural e de sociabilização (CAMPOS, 2006, p.33).

Campos (2006) também aborda a relevância social que os esportes, a priori o futebol, tem sobre a comunidade, essa que com já abordado, é um dos atores principais para a alteração do espaço, fazendo com que a cultura, modos, sejam transformados pela prática do futebol. Assim, o estudo do futebol pela Geografia passa pela abordagem cultural, pois este se refere a um aspecto marcante das culturas de países, estados e cidades (CAMPOS, 2008).

Levando em consideração, é possível entender a relevância futebolística no Brasil, seja a cultura de ir aos estádios, de jogar futebol na rua e/ou de se unir com os amigos para jogar alguma partida de futebol, o brasileiro carrega consigo a paixão por este esporte que tanto ama, sendo muitas vezes, a própria história do país, se confundido com o que o futebol tinha para mostrar em determinada época.

Campos (2008) ressalta que no Brasil, o elemento simbólico a fazer com que o povo brasileiro se sentisse parte de uma mesma pátria, foi o futebol.

No Brasil, o futebol é apontado como um importante elemento simbólico e fundamental fator de criação de uma estruturação identitária em escala nacional sobretudo, pois foi capaz de reunir sob a mesma égide a elite e o povo (CAMPOS, 2008, p.253-254).

Desta forma, o futebol não se apresenta apenas como um fator de construção cultural, mas de certo modo, ele é um construtor de relações sociais, entre as diversas classes e povos, independentemente da desigualdade social construída em um determinado lugar, essa modalidade consegue influenciar e mobilizar, a população de uma forma como pouco é observado na sociedade atual.

1.2 O Futebol no Brasil e as conjunturas socioeconômicas construídas

No Brasil, o futebol teve início no ano de 1894, em São Paulo, tendo sido inserido na sociedade brasileira por Charles Miller, estudante que residia em Southampton, na Inglaterra. No Rio de Janeiro, o futebol foi incluído por Oscar Cox, após volta da Suíça, além dessa semelhança, entre os dois propulsores do futebol terem vindo da Europa, outra similitude, seria o espaço que esse esporte foi introduzido inicialmente, percebemos a introdução nos clubes sociais, de preferência, em locais que jogavam críquete, pois o esporte era considerado como um padrão europeu a ser copiado (HELAL, 2002).

Mascarenhas (1999) pontua que a forma urbana, não estava preparada para abrigar a quantidade de eventos sociais que foram introduzidos pela onda de esportes, ora, os esportes acabavam de chegar em uma cidade que ainda carregava vários elementos de uma cidade colonial que pouco havia abertura para tais práticas.

Para isso, o Espaço urbano precisou ser modificado para aportar essa nova forma de viver, a partir dessa transformação e Mascarenhas (1999) observou essa metamorfose:

Em outras palavras, a abertura de amplos espaços públicos e sobretudo sua mudança simbólica e de uso, via dessacralização, configuraram um novo contexto no qual se inseriu aqui a adesão geral à prática esportiva. De uma cidade colonial, alheia aos esportes e marcada por fortes restrições de uso dos já escassos espaços públicos, passamos a uma outra cidade, onde fervilhava a prática esportiva, e os espaços públicos, novos ou ampliados, eram socialmente preenchidos de forma bem mais intensa. (MASCARENHAS, 1999, p. 31)

O Rio de Janeiro, assim como outras cidades brasileiras, não estava preparado para aportar a revolução esportiva que acontecia no país. Tendo em vista que, havia poucos espaços destinados para a prática dos esportes e, onde eram praticados ocorriam em áreas que não eram próprias para esse uso.

Porém, quando houve a implementação desses espaços, gerou uma participação maior da população no futebol. Para Mascarenhas (1999):

Podemos sugerir que os esportes modernos não foram exatamente criados para atender a demandas da ordem burguesa de aceleração de corpos e espíritos. Mas foi sem dúvida essa ordem burguesa que instaurou cenário urbano propício à difusão dos esportes. E, ao fazê-lo, a cidade moderna não apenas serviu de solo fértil às atividades esportivas, mas Sobremodo dotou-as de significados novos e ampliados, recriando pois o esporte, reinventando-o, ao ritmo e ao sabor da modernidade urbana (MASCARENHAS, 1999, p. 31).

Após a modernização do futebol no Brasil no final do século XVIII e início do século XIX, ocorre a 2ª Guerra Mundial. Como consequência, alguns clubes foram obrigados por lei a realizar alteração de seus nomes, e inclusive, precisaram ser alterados para um nome nacional.

A esse fato se deve ao Brasil estar junto aos países aliados, estes que lutavam contra Alemanha, Itália e Japão. Assim, os atuais Palmeiras e Cruzeiro que carregavam o nome *Societá Palestra Itália*, tiveram de ser alterados por fatores externos (HELAL, 2002).

Ao avançarmos, em 1959, deu-se início à Taça Brasil, sendo esta, a primeira competição a ter o caráter nacional e configurada pelos 15 campeões estaduais do ano anterior (Mapa 1). Além do mais, naquela edição, disputaram o título de melhor time do país, sendo conquistado pelo Bahia Esporte Clube, este que venceu a final contra o Santos Futebol Clube, que tinha como principal jogador do seu time, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé.

Ao observarmos hoje, esse título de uma equipe da região Nordeste é uma exceção em meio ao padrão dos títulos de campeonatos nacionais disputados. Uma vez que, ao contabilizarmos os títulos de campeonatos nacionais que foram conquistados por clubes nordestinos, nos deparamos com uma grande

desigualdade, pois são apenas quatro títulos, sendo: dois Campeonatos Brasileiros com o Bahia (1959 e 1988) e um Campeonato Brasileiro (1987) e uma Copa do Brasil (2008) com o Sport Clube Recife.

Ao configurarmos essa discrepância, conseguimos compreender que a concentração de títulos está diretamente correlacionada às cidades de maior movimento econômico. E por isso o triunfo do Bahia Esporte Clube representa mais que um troféu, mas sim, uma vitória sobre o eixo Rio-São Paulo que dominava e ainda domina o poderio financeiro do futebol brasileiro.








Mapa 1

CLUBES DE FUTEBOL PARTICIPANTES DA TAÇA BRASIL DE 1959




1:90.000.000

Legenda

-  Campeão
-  Vice-campeão
-  Participantes
-  Estados e Territórios Federais
-  Municípios
-  Áreas em litígio
-  Países da América do Sul

0 250 500 km



Base Cartográfica: IBGE, 1950.
Base de Dados: CBF, 2021; GEDITE, 2022; RSSSF, 2021.

Elaboração: Igor de Sousa e Igor Mendes.



A Taça Brasil foi disputada até o ano de 1968 e vale lembrar que os últimos dois anos da edição, o calendário nacional foi dividido com a Taça Roberto Gomes Pedrosa (TRGP). Porém, a TRGP que foi disputada entre 1967 e 1970, apesar de nacional, tinha caráter mais restritivo, pois concentrou apenas os clubes do Sudeste do Brasil com em sua primeira edição organizada pelas Federações do Estado de São Paulo e Rio de Janeiro.

Cabe ponderar que a TRGP de 1967 e seus anos subsequentes foi sustentada a partir organização da Rio-São Paulo (Mapa 2). Nos demais anos, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) deu uma pequena abertura para que representantes de outros estados disputassem essa competição.

A concentração espacial dos clubes em uma pequena porção do território brasileiro, é notável sendo aglutinado com times de cinco estados brasileiros. A partir da edição subsequente, esse número se expandiu para a participação de sete estados, sendo adicionados Bahia e Pernambuco.

A quantidade permaneceu até a última edição da competição, porém o número de clubes desses estados era mínimo, saiu de 15 no ano de 1967 para 17 em 1968. A justificativa para a quantidade restrita de clubes, seria a qualidade do futebol praticado pelas demais equipes, mesmo considerando o título do Bahia em 1959 e as boas exibições do clube na Taça Brasil (RODRIGUES, 2020).

Mapa 2



Segundo Drummond (2008), à medida que o futebol se transformava mais popular, a sua influência era aumentada no mundo, desta forma, a utilização como instrumento político também ocorria de mesmo modo, transformando-se em uma demonstração de poder. Mostrando assim, não somente uma disputa no campo, mas também, uma batalha fora dele.

Campos (2008) afirma que o futebol foi altamente utilizado como instrumento político principalmente de regimes ditatoriais. Este é o caso da utilização das seleções nacionais e clubes pelos governos de Mussolini (Itália), Hitler (Alemanha), Videla (Argentina), Franco (Espanha) e de muitos governantes brasileiros (Getúlio Vargas, Juscelino Kubistchek, João Goulart, os militares Costa e Silva e Médici, entre outros).

Rodrigues (2018) destaca a influência do regime militar a partir do movimento na Copa de 1970, haja vista a população daquela época ter sido levada a conviver com cânticos de ordem a favor do regime que ali estava instalado. O autor também destaca que:

Considerada até hoje o hino da seleção brasileira, “Pra frente, Brasil” foi escolhida como tema da campanha que incentivou os brasileiros a apoiarem os jogadores que nos trariam o tricampeonato em 1970, no México, ganhando de 4 x 1 da Itália. Nas escolas e nos intervalos comerciais da televisão e do rádio, a população torcia pelos craques Pelé, Rivelino e Jairzinho enquanto cantava os versos ufanistas “Noventa milhões em ação, pra frente, Brasil, do meu coração. Todos juntos, vamos, pra frente, Brasil, salve a seleção”. Em entrevista ao jornal uruguaio *La Opinión* em 1972, Pelé afirmaria: “Não há ditadura no Brasil. O Brasil é um país liberal, uma terra de felicidade. Somos um povo livre. Nossos dirigentes sabem o que é melhor para nós e nos governam com tolerância e patriotismo” (RODRIGUES, 2018).

Durante o regime militar, houve uma grande propagação do futebol como estratégia de manobra de massa, nessa época, o país atravessava um período de otimismo econômico que ficou conhecido como o milagre brasileiro. A propaganda oficial, estimulando o ufanismo destacava através de *slogans*, como: *País do Futuro*, *Ame-o ou Deixe-o* e *Brasil Grande*; e o futebol, devido a sua reconhecida popularidade, atraía o interesse do governo em tornar eficaz as suas mensagens.

Concomitantemente a essas mudanças na governança brasileira, ocorreu uma que revolucionou o futebol no país, iniciada propriamente pelo Campeonato Brasileiro de Futebol, promovido pela CBD no ano de 1971 (Mapa 3).

Mapa 3



Ferreira (2018) define que até aquele momento a dimensão territorial do Brasil e a resistência das oligarquias esportivas regionais havia inviabilizado a criação de um campeonato de formato nacional e regular, em comparação aos demais países da América Latina, com certo atraso.

Em meio à criação do Campeonato Nacional de Clubes, Ferreira (2018) ainda relata que o interesse dos militares pelo futebol aumentava a cada ano, desde a derrota do Brasil na Copa de 1966 para a Inglaterra e se mostrando já uma política efetiva na Copa de 1970, a ditadura militar instaurada no Brasil em 1964 precisava ainda expandir seus horizontes.

Por isso:

Tal fenômeno que se materializava, pelos militares, numa busca de maior centralização política, no projeto econômico desenvolvimentista, na ampliação das bases do próprio poder e implementação do chamado plano de integração nacional, dialogou e influenciou os moldes que o campeonato adquiriria ao longo dos anos (FERREIRA, 2018, p. 81).

Ribeiro (2011) destaca o contexto em que os militares viram por necessário a criação de um campeonato que contemplasse todas as regiões, buscando um integralismo e aceitação da massa conforme o contexto socioeconômico da época.

Assim:

O final da década de sessenta e início de setenta conheceu o fenômeno econômico do “milagre brasileiro” (1969-1973), quando a economia nacional conheceu taxas elevadíssimas de crescimento (11% do PIB) e promoveu forte modernização, tanto na malha rodoviária e aérea quanto no sistema de comunicação, em especial com ampliação da transmissão dos jogos pela televisão. Essa modernização veio ao encontro do objetivo do regime em ampliar a ideologia da unidade nacional. Nessa direção, ainda, foi a criação de grandes estádios, por iniciativa do governo federal, em várias capitais, deixando clara a política do regime militar de ao mesmo tempo enquadrar e associar-se às elites regionais do futebol brasileiro. Ou seja, esvaziar a autonomia dos poderes locais a favor da centralização política, oferecendo em contrapartida escusos benefícios financeiros e materiais (como os estádios) aos dirigentes de clubes e federações estaduais (RIBEIRO, 2011.)

Para corroborar o discurso de integração do governo militar, precisava muito além de um campeonato que tivesse apenas os principais clubes do Brasil, necessitava-se fazer com que os times de fora do grande eixo também participassem desse projeto, porém, essa ideia não era bem aceita pelos grandes times tendo em vista o gasto que teriam para deslocamento no país, a partir desse momento que o Estado por sua vez embarcou na ideia, subsidiando passagens e

hospedagens para os clubes, essa composição se uniria ao discurso do regime (FERREIRA, 2018).

Porém, mesmo com a ideia de realizar um torneio integrado, tentando unir a maior quantidade possível de times, das diversas federações, ainda assim, a organização da competição se deparou com a decepção de algumas federações ao terem sido excluídas do primeiro nacional, como foi o caso dos estados de Acre, Alagoas, Amazonas, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Pará, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte, Santa Catarina, Sergipe, além dos Territórios Federais.

Deste modo, iniciou-se um movimento para a criação de um campeonato paralelo a esse, o Torneio de Integração Nacional, devido à criação desta outra competição, os militares resolveram por sua vez, abrirem a competição para cada vez mais times, desta forma, tentando agradar a todos e fazendo o seu plano de integração avançar.

Após esse descontentamento no ano de 1971, a CBD teve como eleito um novo presidente, João Havelange que ficou responsável por resolver as questões políticas que entrelaçariam o futebol brasileiro daquele momento. De acordo com Ferreira (2018) João Havelange foi personagem principal para a distribuição de vagas entre as federações para o Campeonato Brasileiro, levando em consideração fatores como: relacionamento com os militares, aprovação popular ao regime instalado, além de fatores técnicos, como campeões estaduais recentes, apelo popular e estádios grandes que comportavam grandes públicos e claro, o poder político dos dirigentes dos clubes.

Entretanto, algumas derrotas nas eleições indiretas para o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) tiveram resultados notáveis no ano de 1975, uma dessas na mudança da presidência da CBD, João Havelange deixaria o cargo para Almirante Heleno Nunes assumir essa função, este que diferentemente do seu antecessor, foi acusado diversas vezes de beneficiar certos times e principalmente da organização do torneio, chegando a célebre frase, “Onde a ARENA vai mal, um time no Nacional”

Com Nunes no poder, a partir de 1975, seguir-se-ia uma proposta de reformulação do campeonato que intensificaria a interiorização do torneio, e o inchamento do campeonato. Até este momento o campeonato havia aumentado, mas nunca ultrapassara a quantidade de 40 agremiações. Em 1976, seriam 54 clubes; em 1977, 62 clubes; em 1978, 74 clubes; em 1979, 94 clubes (FERREIRA, 2018, p. 96).

Ainda no ano de 1979, ocorreu uma mudança no cenário do futebol brasileiro, foi criada a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) substituindo a CBD em decorrência de uma decisão da instância da FIFA, tal qual a CBF deveria ser um órgão destinado exclusivamente para decidir questões relacionadas ao futebol.

Outra grande mudança ocorreu no ano de 1987, devido à falta de recursos da CBF para realizar o Campeonato Nacional, 13 clubes denominados de Clube dos 13 se reúnem para formar uma competição, realizaram um campeonato nacional denominado de Copa União composto por 16 times.

O Clube dos 13 foi um ponto de virada na relação dos times com as várias entidades que estariam relacionadas aos campeonatos, sejam elas, empresas privadas, autarquia públicas. Segundo Ferreira (2018):

Outro apoio fundamental, para a realização do torneio seria o suporte e financiamento em instituições privadas. Nesse aspecto, houve a venda dos direitos televisivos para a Rede Globo, com a exclusividade por cinco anos, pelo valor de 3,4 milhões de dólares (contrato que seria revisto para as outras edições). Pela publicidade na maioria das camisas dos clubes participantes, a Coca-Cola pagaria um total de U\$ 3 milhões, além do aporte dos hotéis Othon (acomodação de clubes), e do transporte aéreo conseguido junto à Varig (FERREIRA, 2018. p. 109).

Já com a ameaça do futebol europeu, o futebol brasileiro necessitou se reinventar e buscar ajuda dos mais variados lugares, em meio a uma crise financeira instalada pós-regime militar, nada seria fácil de ser executado, a parceria entre o privado e futebol começava a dar suas caras no esporte brasileiro, *marketing* e a monetização a todo custo giravam a roda daquilo que era apenas o início da nova era de se fazer futebol.

Ferreira (2018) afirma que o surgimento do Clube dos 13 e da nova formatação elaborada por eles representava uma quebra com tudo aquilo que havia sido construído durante todo esse tempo, pois essa organização realizada pelos clubes e não pela confederação ou pelas federações, era sustentada pelo mercado financeiro e não mais pelo poder público

Após essas alterações realizadas, principalmente no que se refere à diminuição de times participantes, destaca-se que os clubes que mais participaram dos campeonatos de alto escalão são aqueles que tem investimento de capital forte.

Hoje nos deparamos com uma realidade onde o último time da região Norte a participar do Campeonato Brasileiro da Série A foi no ano de 2005, clubes da Região Nordeste são restritos a um máximo de 4 por edição, a modernização do futebol e

das competições vem para beneficiar a poucos. Com as alterações realizadas pela CBF, os campeonatos estaduais e regionais acabaram perdendo seu espaço e relevância no contexto nacional, esvaziamento dos estádios, falta de investimento, refletem o abandono para essas competições. Campeonatos Estaduais padecem por ajuda, muitas vezes realizados sem patrocínio e isso é provado cada vez mais não apenas nos estaduais de nível técnico inferior, mas principalmente nos mais tradicionais.

CAPÍTULO 2 – O FUTEBOL MARANHENSE E SUAS RELAÇÕES SOCIOECONÔMICAS

O futebol no Maranhão é apresentado de forma inovadora, como algo revolucionário. O início do século XX e a conjuntura da época mostraram como o futebol chegou em um espaço ainda inabitado por ele, sendo contagiante por aristocratas, intelectuais e/ou operários, mas nunca se resumindo a um grupo específico.

Refletindo o que se foi observado a nível nacional, o advento do futebol no Maranhão vai muito além da partida, é carregado de pensamentos e vivências construídas antes da entrada desse esporte no estado, desenvolvimento saindo da capital para o interior do estado, inicialmente concentrado nas mãos de poucos, porém facilmente difundido.

2.1 Uma análise histórica sobre a entrada do Futebol no Maranhão e sua construção

Na passagem do século XIX para o XX, o futebol adentra no Maranhão, tendo como precursores, Nhozinho Santos que estudava na Inglaterra, Aloisio de Azevedo, até então, Cônsul brasileiro na Europa e o Cônsul inglês Charles Cissold, trazendo o esporte do espaço urbano, realizam a introdução do esporte por meio de clubes de futebol. (VAZ, 2003)

Logo no início dos anos 1910, já é notado uma pequena alteração na convivência da elite maranhense. Vaz (2003) relata que o hábito de repousar nos fins de semana é esquecido, sendo substituído pelas festas, corridas de cavalo, partidas de tênis, regatas, corso nas avenidas, matinês dançantes, e pelo futebol.

Atividades essas descritas pelos jornais da época, já sendo percebidas desde o final do século passado com o surgimento do esporte moderno nos espaços maranhenses. Segundo Kowalski (2000):

É nessa conjuntura que adquirem um efeito sinérgico, que compõem uma rede interativa de experiências centrais no contexto social e cultural, como fonte de uma nova identidade e de um novo estilo de vida "Os 'Clubs' que centralizam essas atividades surgem como modelos da elite no final do século XIX, e já no final da década de 10 e início de 20, estão difundidos pelos bairros, periferia, várzeas e se tornam um desdobramento natural das próprias reuniões sociais. (KOWALSKI, 2000, p. 391).

Historicamente, o futebol no Maranhão traz consigo estreitas relações socioeconômicas, a partir de fatores externos e internos que culminaram em seu fomento para a criação dos primeiros campos e partidas, no estado. De fato, estas ligações de maior força aconteceram na capital São Luís, por volta do final do século XIX e início do século XX, ainda que a prática esportiva fosse, aos poucos irradiada para demais localidades da ilha do Maranhão e no movimento para o interior do continente (VAZ, 2006; JESUS, 2021; TRINDADE, 2011).

Assim, os marcos do futebol maranhense deram-se, sobretudo, na influência de pessoas vindas da Europa, principalmente da Inglaterra. Não obstante, Mascarenhas (2014) destaca que este movimento dos ingleses para diversas partes do planeta, em virtude do imperialismo inglês e suas áreas de influência, corroborou para a difusão planetária do futebol. Além disso, segundo Vaz (2006), o impulso do futebol na cidade de São Luís também é acompanhado pelas transformações socioespaciais e socioeconômicas advindas do surto da indústria têxtil e da movimentação portuária, com fortes resquícios da Guerra Civil norte-americana, culminando na criação dos primeiros clubes do estado (SOUSA; COSTA; MATTOS JUNIOR, 2021).

Para implementar o futebol no Maranhão, Nhozinho Santos convocou uma reunião em 1905, onde ficou estabelecido que na área da fábrica de têxteis “Santa Izabel, seria construído um campo de futebol, nascendo assim o primeiro clube de futebol maranhense, o Fabril Athletic Club (FAC). Segundo Vaz (2005), o terreno era localizado na área central da cidade, de fácil acesso para aqueles que iriam praticar esporte.

Inicialmente, o FAC encontrava problemas para os treinos, faltavam pessoas dispostas a jogar aquele novo desporto, cada time jogava com 8 jogadores, curiosos observavam, mas sem entender muito do que ocorria, consideravam apenas isso como uma correria e desordem, com o decorrer do tempo, com os treinamentos sendo mais apurados e com a melhora na parte técnica, o FAC conseguiu reunir seus fiéis para treinar e disputar suas partidas internas (VAZ, 2005).

O futebol naquela época era uma atividade nova e sua forma de jogar ainda era um pouco confusa. Segundo Martins (1989):

Sucederam-se os treinamentos com os esportistas apurando a forma técnica, entendendo melhor as regras... não havia treinamentos físicos. A resistência vinha em decorrência do maior tempo dos coletivos que, às vezes, processavam-se até não ser mais enxergada a bola. Assim, decorreu o ano de 1906, uma ou outra disputa entre as duas formações, usando camisas e chuteiras e as bolas importadas (MARTINS, 1989: 284-285).

Em janeiro de 1908, é registrado o primeiro jogo entre duas equipes distintas, FAC contra o Maranhense Foot Ball Club, sendo este composto por homens que trabalhavam no comércio ludovicense. Durante as datas destinadas ao período festivo do Carnaval, os encontros não se restringiam apenas no campo, uma vez que as pessoas se reuniram na noite de sábado após a partida para comemorarem em festejarem na sede social do FAC (JORNAL O MARANHÃO, 1908).

Devido a problemas de gestão o FAC fechou suas portas em 1911 reabrindo em 1915, durante esse período, a elite maranhense não tinha um clube que os representasse no futebol, o time da Fabril volta para readquirir esse *status* do qual lhe competia antes da sua falência.

Trindade (2011) observa que a dinâmica dos jovens maranhenses começa a ser alterada por conta da prática do futebol, utilizavam-se espaços públicos para disputarem partidas recreativas, levando até mesmo ao incômodo dos moradores das regiões afetadas. Para o autor:

As partidas começaram a ser disputadas por grupo de jovens nas praças de São Luís, fazendo jus ao nome, a Praça da Alegria era uma das preferidas pelos grupos. E junto com o futebol, vinham as reclamações de moradores que uma hora e outra apareciam nos jornais da capital. ...observa-se que o jogo era chamado de “algazarra infernal” e que eram praticados por “vagabundos”, “desocupados” ou mesmo, “abusados”, visto que tiravam o sossego dos moradores do local (TRINDADE, 2011, p. 26).

Entre essa situação e conflitos de elite e as camadas sociais inferiores, no ano de 1923 ocorreu uma partida que ficou marcada na história do futebol maranhense, o Sampaio Corrêa Futebol Clube, clube fundado no mesmo ano, enfrentou o Luso Brasileiro, time esse, fundado em 1918.

O Sampaio Corrêa, clube composto de negros e pobres, iniciava a sua caminhada no futebol maranhense, de origem modesta, despertava o interesse dos apreciadores do esporte. O Luso Brasileiro havia sido campeão maranhense naquele ano, já o Sampaio Corrêa vinha jogando entre os “informais”, resolveu

assim, desafiar o representante da elite maranhense para uma partida, o Jornal Pequeno de 4 de abril de 1957 relata essa história:

[...] o campo do Luso Brasileiro acolheu, naquela tarde distante, num numero recorde de trovoadas (torcedores). Gentes de suburbios e dos arrabaldes superlotavam todas as dependencias do „field“ (campo). A partida transcorria, sob intensa expectativa, até que o meia-esquerda Lobo [...] marcou um gol. Foguetes, bandas de musica, gritos, apitos, fizeram-se ouvir. Era a plebe triunfando sobre a elite. Era time de pretos, de carvoeiros, pescadores, revendedores de peixes, um time da ralé esmagando o clube de mais alta aristocracia da cidade. Era a vitória do fraco sobre o mais forte. David vencendo Golias, se me permitem a hipérbole, na bíblica esportividade do fato. E o 25 de março de 1923 passou á História Futebolista do Maranhão como a data da vingança (sic). (JORNAL PEQUENO, 1957, p.3).

Essa situação se reverbera em uma disputa de espaços, conflito de classes, que em dado momento, um gostaria de fazer com que o outro parasse de disputar esse esporte. Pois bem, a vitória do Sampaio Corrêa coroou um triunfo maior do que se poderia imaginar naquele momento, era a abertura de novas portas para o futebol maranhense se desenvolver e agora, com um representante a altura da sociedade maranhense.

O espaço urbano ludovicense a cada momento, via seus horizontes abertos para a prática do futebol, não só em sedes sociais, mas também em espaços públicos, de certa forma, o futebol entrar no Maranhão via elite, facilitou para que ele não pudesse ser criminalizado e ao fim das contas, a popularização do futebol e sua difusão foram beneficiadas por esse fator preponderante.

Anos se passaram, novos clubes foram surgindo e outros desaparecendo, novas transformações socioespaciais em São Luís e investimentos de capitais privados e estatais adentraram o continente maranhense, como resultado, houve a consolidação e rápida expansão do campeonato estadual. Há alguns exemplos pontuais nesta trajetória, por exemplo: o Ferroviário Esporte Clube, fundado por ferroviários da Estrada de Ferro São Luís-Teresina; ou ainda, Sindicato de Estivadores que instituiu o Vitória do Mar Futebol Clube.

Em tempos recentes, no pós-2000, a narrativa é mantida por fatores econômicos que incidem na criação e ascensão rápida de clubes que disputaram e/ou disputam o campeonato maranhense. Alguns exemplos podem ser destacados, como: a expansão urbana da cidade de Imperatriz, segunda maior do estado, apresentou com êxito dois clubes participantes: a Sociedade Imperatriz de

Desportos e o JV Litoral, ambos apareceram em cenários de competições nacionais.

A Sociedade Esportiva Balsas Futebol Clube, da cidade de Balsas, figurou no cenário maranhense, a partir do aumento de patrocínios vinculados às empresas do ramo do agronegócio e da construção civil. Entretanto, a realidade da maior parte dos clubes maranhenses ainda está ligada aos fatores econômicos e políticos das prefeituras e, por vezes, do governo do estado, por onde se estabelecem parcerias e incentivos que podem ou não serem duradouras.

2.2 As implicações socioeconômicas no Campeonato Maranhense no período entre 2000 e 2021

O Campeonato Maranhense teve a sua primeira edição realizada no ano de 1918, desde então tivemos vários participantes e vencedores. Entretanto ao analisarmos o período entre 2000 e 2021, é notado que apenas no ano de 2005 se tem o segundo ganhador fora da capital, a Sociedade de Imperatriz e Desportos, conquistou o título para o interior maranhense, sendo ele apenas o segundo na história a conseguir esse feito, até então, apenas no Bacabal Esporte Clube no ano de 1996 havia conquistado a taça.

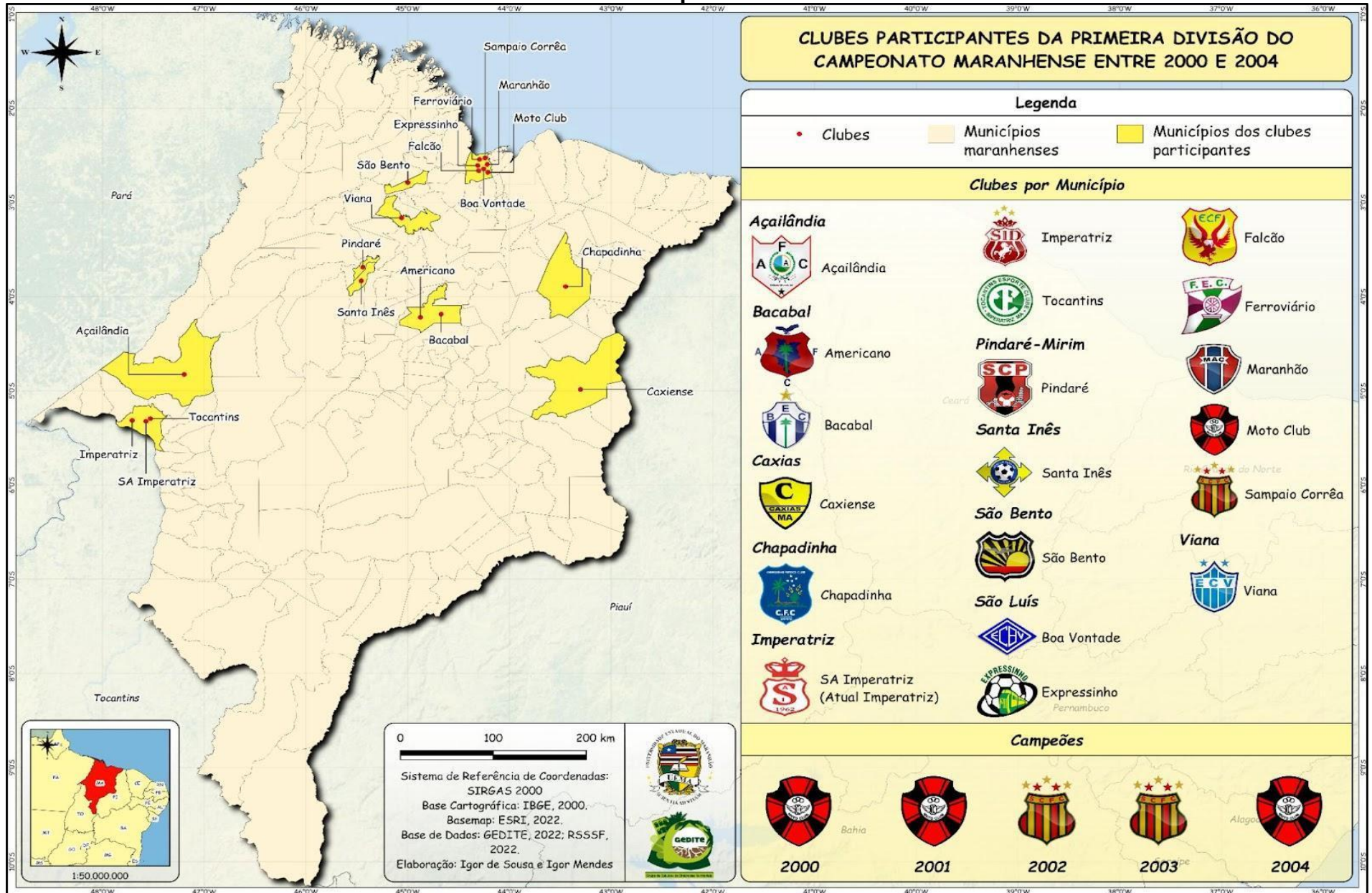
Ao analisarmos a configuração do Campeonato Maranhense, conseguimos perceber uma grande concentração de times que disputam a competição localizados na capital do estado, principalmente ao recortarmos no período após os grandes eventos e que concomitantemente, disputaram com uma grande crise não só econômica, mas também institucional a nível nacional. A ponto de comparação, entre 2000 e 2004 tivemos 19 clubes participantes do torneio, já entre 2015 e 2019 apenas 13 clubes.

Vale lembrar que o futebol no contexto do qual está inserido a partir do novo século, é um esporte totalmente integrado aos ganhos e perdas financeiras, a remodelação realizada ao fim do século passado foi ampliada a um ponto maior nos dias de hoje, até por considerarmos a profissionalização dos times, em várias esferas, ao entrarmos em uma crise política e social, o capital se esquivou de depositar dinheiro em meios incertos de retorno.

No período compreendido entre 2000 e 2004, o Campeonato Maranhense foi sediado em 9 municípios, sendo deles, quatro dos cinco municípios considerados

como regiões geográficas regionais, São Luís, Santa Inês-Bacabal, Imperatriz e Caxias, apenas Presidente Dutra não teve sua representação (Mapa 4).

Mapa 4



Esse período de 2000 a 2004 representou uma época com pouquíssima alternância entre os campeões, alternando sempre entre os rivais Moto Club de São Luís e Sampaio Corrêa.

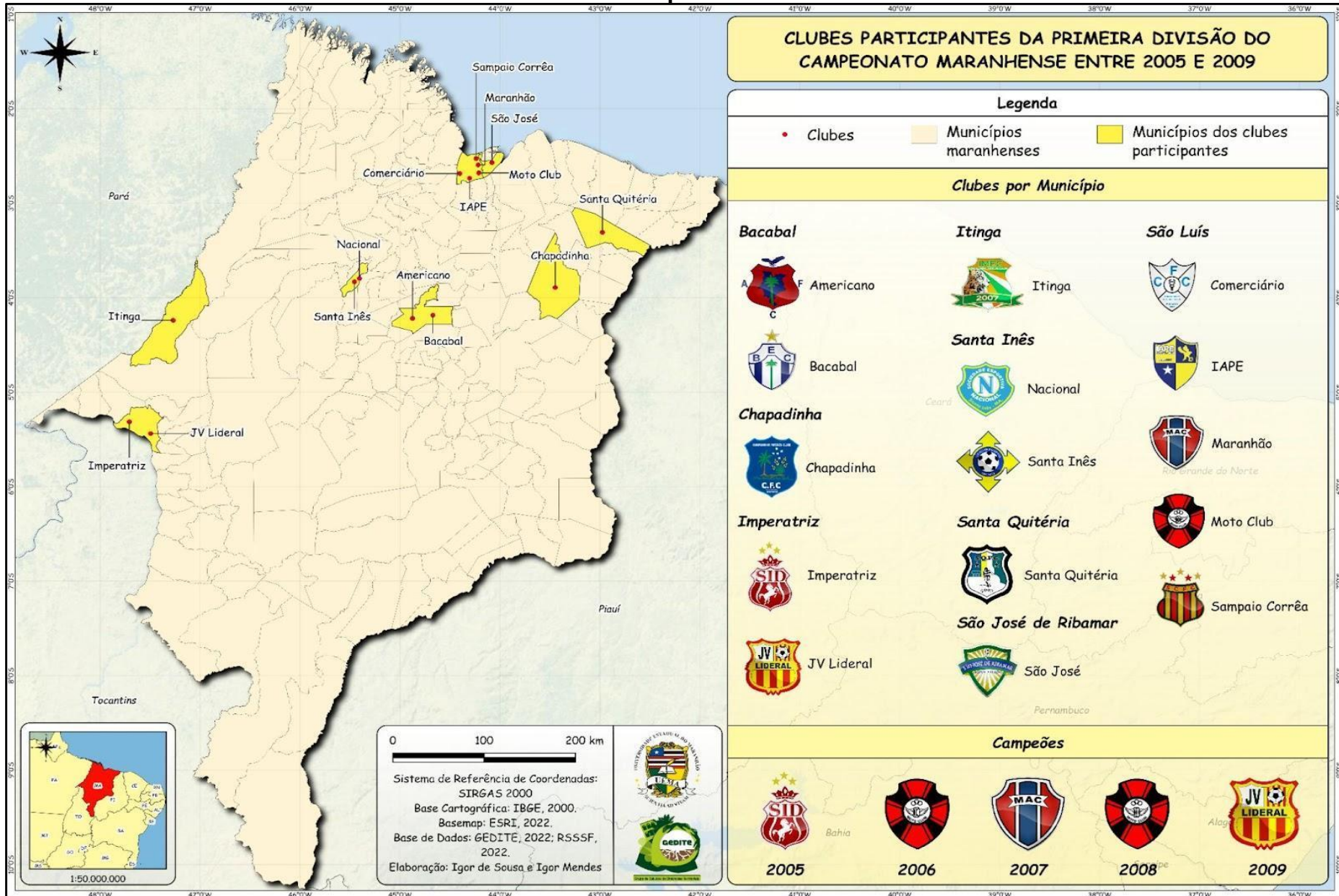
Assim, é possível considerar que um dos principais fatores além de ser uma grande cidade, é a sua relevância, devido a sua densidade populacional, infraestrutura, deslocamento e investimento de capital, todos os fatores elencados fazem com que o futebol se torne mais barato para quem irá investir, o poder público ou a iniciativa privada. Dessa forma os campeonatos se constroem ao redor do apelo financeiro e popular do clube.

Conseguimos aportar esse pensamento quando nos voltamos ao sul maranhense, uma região que tem um bom PIB, porém não cumpria os demais requisitos, sua densidade populacional é baixa, o deslocamento para a capital é de bastante dificuldade e conseqüentemente, se torna muito caro, isso explica a falta de participação dos times do sul maranhense até o ano de 2013.

Entre 2005 e 2009, notamos uma variação menor de municípios representados (7), porém, com a maior diversidade de campeões nesse recorte, Imperatriz, Maranhão Atlético Clube (MAC), Moto Club e o JV Litoral (Mapa 5).

O período foi marcado a nível mundial por uma grande crise econômica global, os investimentos nesse período ficaram comprometidos por receio do mercado não saber a segurança de onde investir o capital. Com isso, times do interior com grande força empresarial, caso do JV Litoral, ou que eram auxiliados pela força municipal, como o Imperatriz; se sobrepujaram aos demais, vencendo o campeonato estadual e colocando o nome dos clubes na história.

Mapa 5



O período de 2010 a 2014 é marcado por mudanças no cenário maranhense futebolístico, a ascensão do Sampaio Corrêa, não somente a nível estadual e regional, mas também a nível nacional é refletida muito bem nos títulos estaduais desse recorte temporal, de cinco campeonatos, o clube com o nome inspirado no hidroavião conquistou 4 troféus, sendo o único a quebrar essa hegemonia que estaria se construir, o MAC (Mapa 6).

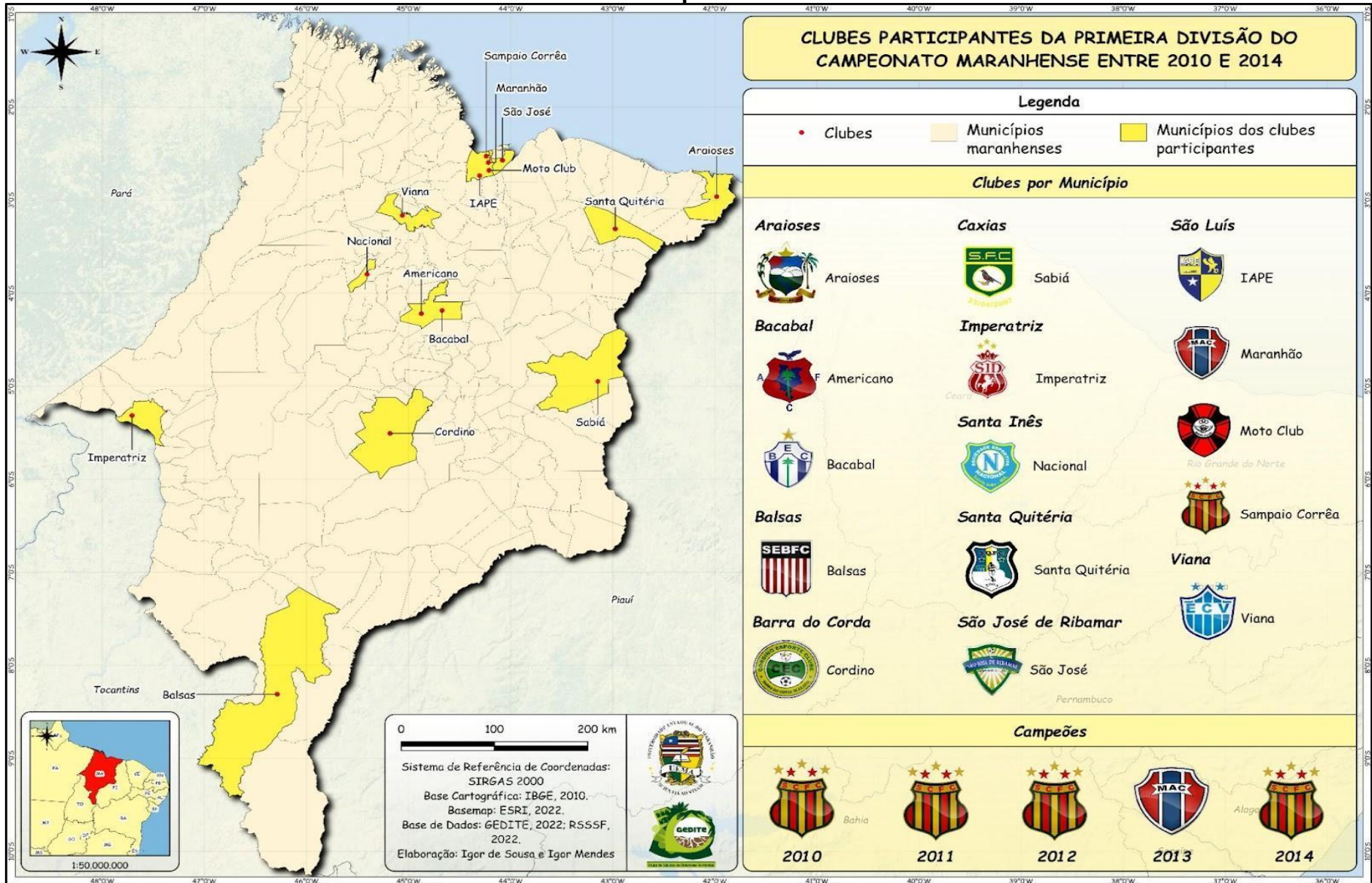
A partir de 2012 o Sampaio Corrêa contou com uma elevação de nível substancial, conquistando o Campeonato Brasileiro da Série D de forma invicta, automaticamente garantindo vaga no Campeonato Brasileiro da Série C de 2013, onde se sagrou vice-campeão. E desta forma, assegurou sua promoção para a Segunda Divisão do Campeonato Brasileiro no ano de 2014, competição essa que o clube não participava desde 2002.

Nesse mesmo espaço de tempo, o Moto Club de São Luís enfrentou uma grande crise institucional que já havia assolado o clube no recorte passado, tanto que havia sido rebaixado no estadual em 2009, conseqüentemente, favorecendo para que o seu maior rival tomasse todos os holofotes da principal divisão estadual maranhense.

Essa queda de nível técnico do Moto Club refletiu nos clubes do interior, pois sem um dos clubes grandes do estado na briga para conquistar uma vaga nas competições nacionais, uma delas passou a ficar em aberto.

Não, por acaso no ano de 2011 o Instituto Amigos de Pereirinha (IAPE) disputou a Copa do Brasil, no ano de 2012, o Santa Quitéria disputou a Copa do Brasil juntamente com o Sampaio Corrêa e as demais vagas da Série D e Copa do Brasil ficaram em sua grande parte com o MAC, que tomava por vez o lugar do Moto Club nessas disputas.

Mapa 6

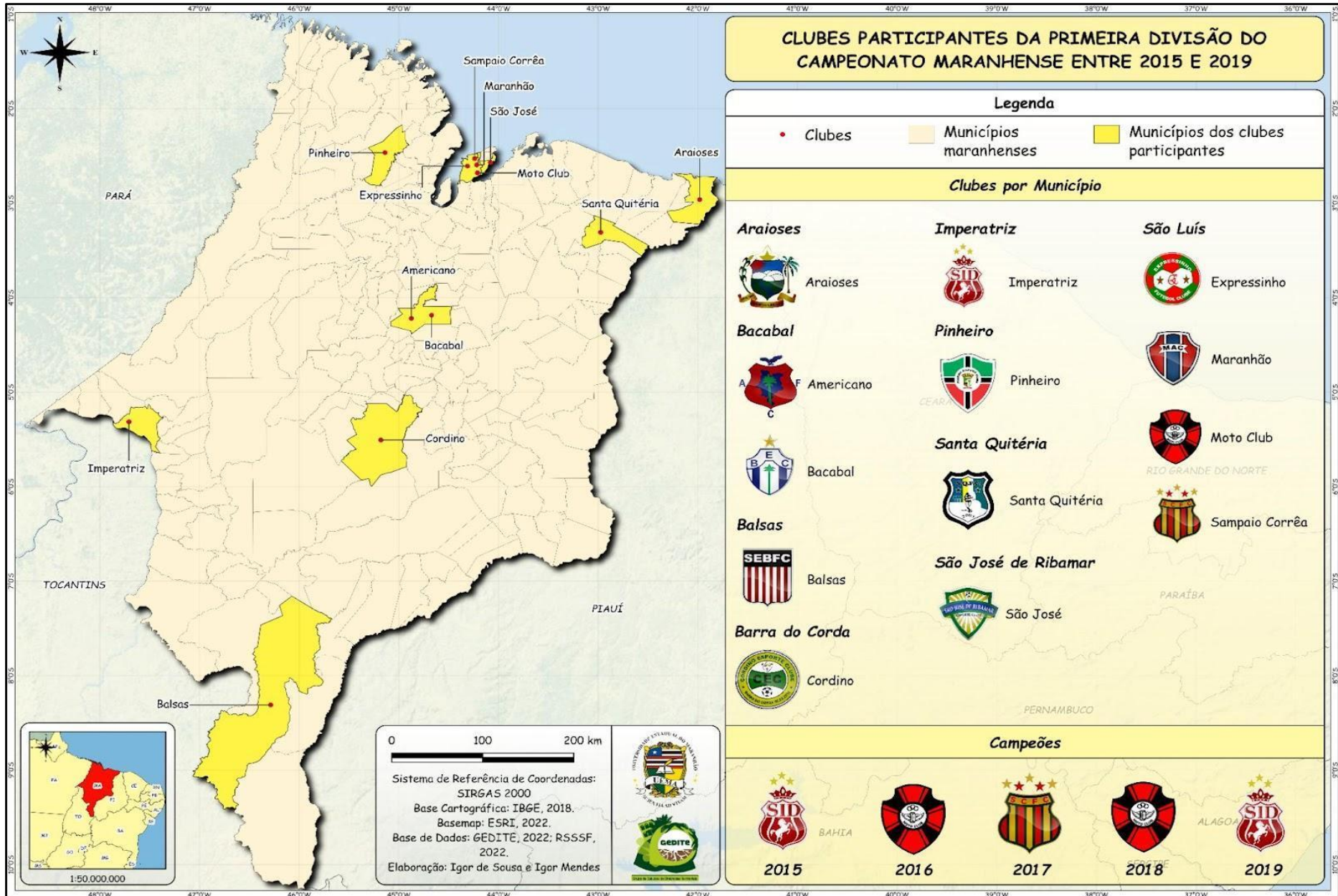


Ainda nesse mesmo espaço de tempo, tivemos a nível nacional a realização de dois megaeventos futebolísticos, a Copa das Confederações e a Copa do Mundo de Futebol respectivamente em 2013 e 2014. Cabe destacar que em nenhuma das competições, o Maranhão foi sede, ou seja, não recebeu grandes reformas para aportar a competição.

Consequentemente, muitos estádios ficaram para trás dos demais e a CBF, por sua vez, a partir dessas competições começava a impor restrições para estádios que não cumprissem requisitos ditos pela confederação como essenciais. Desta forma, muitos estádios maranhenses, em especial os que são localizados no interior, não possuíam viabilidade para aportar jogos da Copa do Brasil, como foi o caso do Cordino na Copa do Brasil 2018, no Estádio Leandrão.

Entre os anos de 2015 e 2019, mesmo com o Sampaio tentando se consolidar no cenário nacional, tivemos diferentes campeões estaduais, foram duas conquistas para o Moto Club, duas conquistas para o Imperatriz. Para o time da segunda maior cidade do Maranhão, a importância deste período representou uma consolidação do clube como o maior do interior, conforme mostra o Mapa 7 a seguir:

Mapa 7

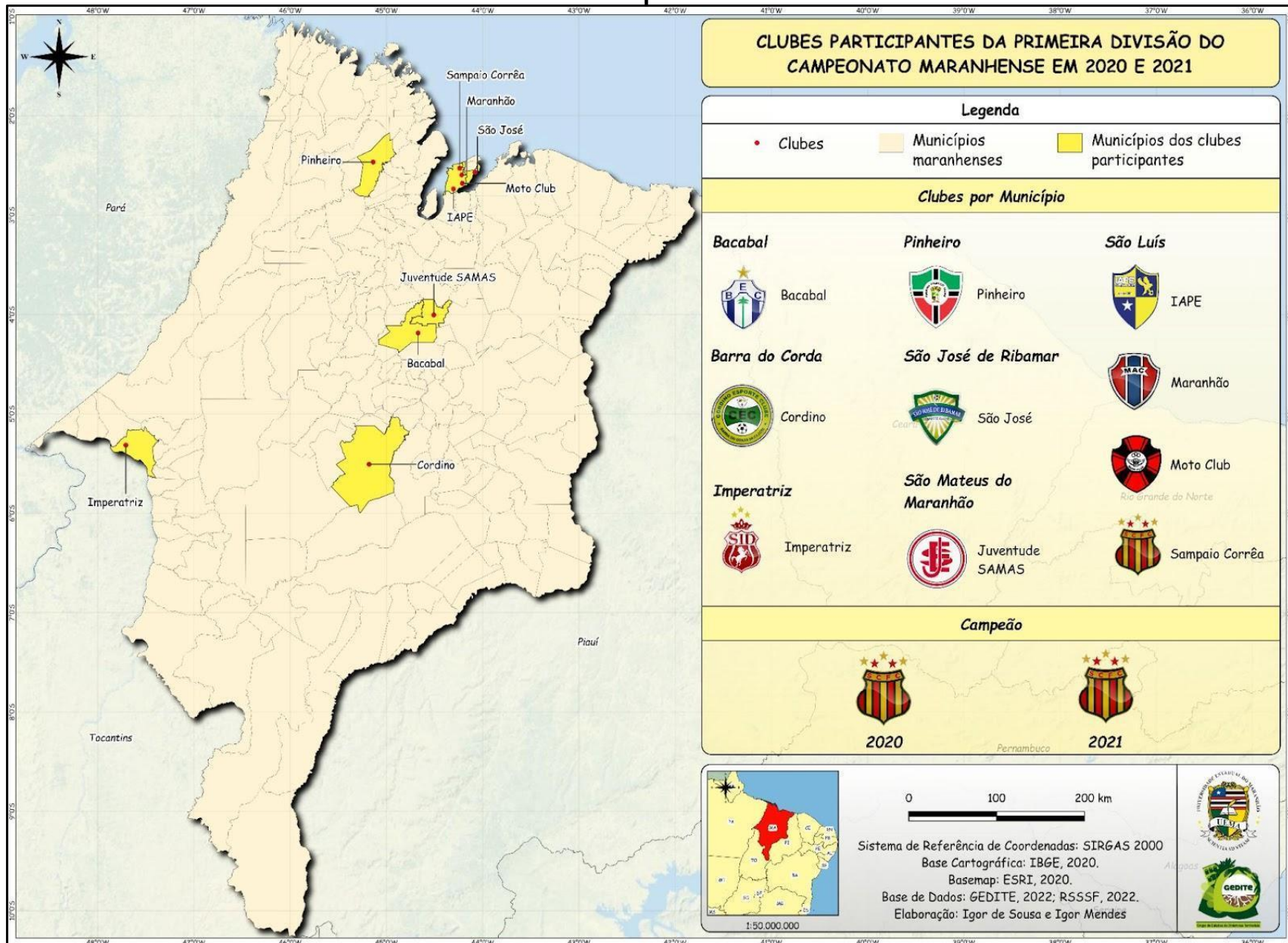


Neste intervalo podemos observar duas movimentações, o Moto Club chegou a disputar a Série C de 2017, porém, é rebaixado na última rodada após um jogo envolto de polêmicas envolvendo o seu arquirrival Sampaio Corrêa e o Botafogo da Paraíba. O time paraibano precisava vencer para escapar do rebaixamento, e assim o fez, gerando grandes discussões entre a comunidade do futebol maranhense.

Já no ano de 2019, o Imperatriz disputou a Série C, chegando a se classificar para as quartas de finais, última fase para conquistar o acesso, porém, foi eliminado pelo Juventude, de Caxias do Sul. Deste modo, percebemos que a ascensão do Sampaio Corrêa a nível nacional, teve um impacto direto no desenvolvimento dos clubes maranhenses, beneficiando os mesmos com investimentos que chegavam indiretamente, para que os mesmos pudessem tentar equiparar o nível técnico ao do Sampaio, clubes esses, chegando próximos do acesso e brigando de igual para igual em competições nacionais, algo que não era visto com tanta regularidade.

Posteriormente, entre os anos de 2020 e 2021, os eventos esportivos foram impactados diretamente pela COVID-19, isso é reflexo quando percebemos os participantes e campeões, conforme apresenta o Mapa 8 abaixo:

Mapa 8



Neste período, Sampaio Corrêa se sagrou bicampeão, em contrapartida, os clubes do interior foram altamente impactados pela pandemia e os recursos que vinham da prefeitura tiveram de ser alocados para a saúde e as empresas que os apoiavam tiveram que optar por retirar totalmente ou parcialmente os seus investimentos.

Exemplificando, destaca-se o caso do Imperatriz que passa por uma crise institucional até os dias de hoje e disputando dois campeonatos sem torcida nas arquibancadas, o que restou foram auxílios vindos do Governo do Estado. Por isso, enfatizamos que a pandemia impactou diretamente o Campeonato Maranhense e afetou a participação e montagem dos clubes, mas o único clube que sobreviveu sem muitos problemas a esse período foi justamente, o bicampeão Sampaio Corrêa.

Haja vista que o Sampaio Corrêa tem a sua disposição as cotas televisivas referentes ao Campeonato Brasileiro Série B, cotas de participação na Copa do Brasil e Copa do Nordeste. Assim, o Sampaio Corrêa tomou um papel de protagonismo no estado e acentua a enorme diferença técnica e financeira sobre os adversários, inclusive para com seus rivais locais, como: Moto Club e MAC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos os fatores socioespaciais e políticos que irradiaram no futebol do Brasil, conseguimos perceber que os fatores externos têm influência direta nos campeonatos, seja na fórmula de disputa ou nos times que estarão se enfrentando, desde o *marketing* produzido sobre o campeonato, a utilização de arenas modernas construídas para megaeventos.

Há de se acrescentar que conseguimos perceber de mesmo modo, o quanto o desenvolvimento espacial e regional, é concomitante a quantidade de clubes que disputam o Campeonato Maranhense de Futebol. E a ascensão de times como o Sampaio Corrêa, no espectro nacional, influenciou no desempenho de Imperatriz e Moto Club em competições nacionais, fazendo com que o investimento nesses clubes viesse a ser maior, tanto do poder político como de patrocinadores privados, até mesmo do público maranhense que gostaria de ver seu time em um outro patamar.

É possível ressaltar que os fatores socioeconômicos determinam a quantidade de clubes disponíveis a disputar os campeonatos regionais e nacionais, assim como a nível global e nacional. Entretanto, para além dessa conjuntura

política e econômica os Campeonatos Estaduais foram afetados com a COVID-19, falta de públicos no estádio, poder público direcionando os investimentos área da saúde e o mercado inseguro a fazer novos investimentos.

Assim, podemos destacar a dependência dos clubes maranhense do poder público, por meio de programas de incentivo ao esporte e também do investimento do capital para o desenvolvimento e aporte do futebol maranhense.

REFERÊNCIAS

CASQUINHA Malaia Santos, João Manuel, Drumond Maurício A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. Tempo [en linea]. 2013, 17(34), 19-31[fecha de Consulta 13 de Dezembro de 2022]. ISSN: 1413-7704. Disponível en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=167027926003>

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, p. 19-42, 1982.

FERREIRA, Daniel Vinícius. **"HISTÓRIA DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL (1971-1987):: PARA ALÉM DA NARRATIVA DA "MODERNIZAÇÃO" DO FUTEBOL BRASILEIRO."** *Revista Hydra: Revista Discente de História da UNIFESP* 3.5 (2018): 77-121.

FRANK, Bruno. Introdução às Teorias da Geografia dos Esportes: um esboço inicial. **Efdeportes.Com**, Buenos Aires, v. 18, n. 188, p. 1-8, jan. 2014. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd188/as-teorias-da-geografia-dos-esportes.htm>. Acesso em: 20 set. 2022.S

GAFFNEY, Christopher. Geography of sport. **Social sciences in sport**, p. 109-134, 2014.

HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. Editora Brasiliense, 1990.

ILIEȘ, Alexandru *et al.* For Geography and Sport, Sport Geography or Geography of Sport. **Geosport For Society**, Oradea, v. 2, n. 1, p. 7-18, 06 dez. 2014. Disponível em: <http://gss.webhost.uoradea.ro/>. Acesso em: 07 set. 2022.

JESUS, Werbeth Marques de. **O FUTEBOL E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO: São Luís do Maranhão em jogo**. 2021. 76 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia Licenciatura, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

KOWALSKI, Marizabel. Estilo de vida e futebol. IN CONGRESSO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA, VII, Gramado-RS, 29 de maio a 01 de junho de 2.000. COLETÂNEAS Porto Alegre : UFRGS, 2.000, p. 390-395

MARTINS, Dejard Ramos. **Esporte**: Um mergulho no tempo. São Luís: s/n, 1989.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014. 256 p.

MASCARENHAS, Gilmar. A Dimensão Espacial dos Esportes. **Biblio 3W**, Universidad de Barcelona, n. 208, 21 fev. 2000.

MASCARENHAS, Gilmar. A Geografia e os Esportes: Uma pequena agenda e Ampos Horizontes. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, v. 1, n. 2, p. 47-61, dez. 1999.2

MASCARENHAS, Gilmar. A Geografia e os Esportes. Uma Introdução. **Scripta Nova**, Universidad de Barcelona, n. 35, 01 mar. 1999.

RIBEIRO, Luiz Carlos. **Brasileirão ou Torneio Rio-São Paulo?**. Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade, UFPR. 2011. Disponível em: <[Brasileirão ou Torneio Rio-São Paulo? \(nefutebolesociedade.blogspot.com\)](http://nefutebolesociedade.blogspot.com)>

RODRIGUES, R.; VICO, M. O primeiro campeão do Brasil: A história do Bahia, vencedor da Taça Brasil de 1959 contra Pelé, e a unificação dos títulos brasileiros. **UOL**, São Paulo, 29 mar. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/taca-brasil-a-historia-do-bahia-campeao-brasileiro-de-1959/>. Acesso em: 14 dez. 2022.

RODRIGUES, Ana Helena. Seleção Brasileira e a Ditadura Militar. **VLADMIR HERZOG.ORG**, 2018. Disponível em: <https://vladimirherzog.org/selecao-brasileira-e-ditadura-militar/>. Acesso em: 11 dez. 2022.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1985. 120 p. Coleção Milton Santos; 12.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. 136 p. Coleção Milton Santos; 10.

SOUSA, Igor Breno Barbosa de; COSTA, Gabriel Costa da; MATTOS JUNIOR, José Sampaio de. A geografia das quatro linhas: o futebol e a geopolítica nas rivalidades das seleções nacionais / the geography of the four lines. **Brazilian Journal Of Development**, [S.L.], v. 7, n. 9, p. 92367-92390, 23 set. 2021. South Florida Publishing LLC. <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv7n9-414>.

TRINDADE, Clenilson Borges. **A importância dos jornais na construção do futebol como fator de identidade local em São Luís (1905 – 1925)**. 2011. 67 f. Monografia (Especialização) - Curso de História Licenciatura, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2011.

VAZ, Leopoldo. Cluster esportivo de São Luís do Maranhão, 1860 -1910. In: DACOSTA, Lamartine (org.). **ATLAS do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Confef, 2005. p. 49-50.

VAZ, Leopoldo. O futebol em São Luis (Maranhão-Brasil): 1907 - 1917. Buenos Aires: Efdeportes.com, n.63. 2003. Disponível em: [O futebol em São Luís \(Maranhão-Brasil\): 1907 - 1917 \(efdeportes.com\)](http://efdeportes.com)